



IDENTIDADE DA PERSONAGEM INFANTIL EM “AS TRANÇAS DE BINTOU”: POR UMA ESTÉTICA DO CABELO

Dízia Araújo Lopes

Universidade Federal de Campina Grande
dizia.lopes@gmail.com

Márcia Tavares Silva

Universidade Federal de Campina Grande
tavares.ufcg@gmail.com

Resumo: Algumas obras da literatura infantil contribuem para o crescimento emocional, cognitivo e para a identificação pessoal da criança, com exceção daquelas de caráter pedagogizantes e diretivo que podem ou não contribuir dessa forma, mas, para que isto aconteça, é necessário um novo olhar da instituição escolar sobre o ensino de literatura na contemporaneidade, visando o desenvolvimento de práticas educativas que levem ao aperfeiçoamento das práticas de leitura. Nesse sentido observamos a necessidade de conhecer e cumprir a Lei 10.639/03, que inclui o ensino da História e Cultura Africana no currículo das escolas brasileiras, para que o aluno possa aprender valores como diversidade e apreciação da cultura negra. Sabendo disso, este presente artigo objetiva evidenciar os aspectos culturais, legislativos, metodológicos, e psicológicos, numa análise literária do livro “*As tranças de Bintou*” da autora Sylviane Anne Diouf, uma americana afrodescendente que acredita que muitas pessoas ainda precisam adquirir conhecimento sobre o povo africano, principalmente as crianças, para que estes cresçam bem mais informados que as gerações anteriores. O presente artigo teve como fundamentação teórica os textos de Khéde (1990) e Palo e Oliveira (2006), estudiosas consagradas da literatura infanto-juvenil.

Palavras-chave: Identidade, Personagem e Estética.

Quebra de seção contínua

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista que um livro para a criança é um caminho que a leva a desenvolver imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, e para o educador, um elemento de trabalho que deve ser pensado como um agente transformador na formação de opinião de seus alunos. É preciso repensar as práticas metodológicas aplicadas no ensino, visto que os discentes, na maiorias das vezes, ignoram a aprendizagem através do lúdico, apegando-se aos conteúdos de natureza conceitual e de memorização, objetivando, com isso, uma futura avaliação.

Foi somente à partir do século XVIII que a criança passou a ser considerada como um sujeito criança, pois antes ela participava da vida social adulta, inclusive usufruindo da sua literatura. Porém, um tipo específico de literatura foi desenvolvido para ela que foi denominada literatura infantil. Antes daquela época, as crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as crianças das classes populares liam lendas e contos folclóricos. Com o passar do tempo, esses clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos inspiraram os contos de fadas. Apesar da literatura abrir portas e



janelas para um universo fascinante de conhecimentos, curiosidades, modos diversos de ver o mundo, muitas crianças e jovens não se sentem motivadas a ler. Talvez isso seja um reflexo da leitura utilitária que por vezes se incentiva nas práticas pedagógicas escolares. Precisamos incentivar nos jovens a leitura prazerosa, em contraposição a uma leitura que pretende “treinar” o aluno a responder perguntas prontas sobre a obra lida. Esse tipo de prática não desperta o gosto pela leitura, mas sim uma espécie de aversão a livros e literatura.

A obra *As tranças de Bintou* apresenta uma narrativa prazerosa de se ler, na qual o leitor percebe traços culturais inseridos na aldeia que Bintou reside. Como, por exemplo, o batizado do irmão recém-nascido, o ritual acerca da escolha do nome, a valorização dos mais velhos, a gastronomia presente nas celebrações, as vestimentas utilizadas, dentre outros detalhes. Suas belas e vivas ilustrações e os personagens bem delineados são capazes de trazer ao leitor uma visão da cultura africana, permitindo, assim, repensar também a cultura brasileira. Embora a lei 10.639, que insere a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, esteja em vigor desde janeiro de 2003, ainda é ausente a sua prática nas instituições escolares, visto que muitos professores a desconhecem e a falta de capacitação na área contribui para um esquecimento desta temática. Ela define em seu artigo 1º:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

É importante observar que o Brasil é formado por três raças: índios, brancos e negros; porém, quando a história do país é ensinada no âmbito escolar é visto sob o olhar eurocêntrico. Pouco se é ensinado sobre os outros dois povos. Foi pensando nessa deficiência na formação escolar que foi criada tal lei, que pretende contribuir de forma simultânea para o fim de preconceitos raciais e afirmação da identidade e orgulho das origens, que visa contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, com igualdade de oportunidades e livre de preconceitos. O eurocentrismo na



literatura em questão é real e deve ser desvelado para que possamos repensar o Brasil através dos costumes africanos, como podemos perceber através das oportunas palavras da professora Anória Oliveira:

Cabe, então, desvelar as nuances do eurocentrismo em nossas produções literárias, de modo a sinalizar caminhos plausíveis para a inserção dos segmentos étnico-raciais secularmente preteridos. Mas para tanto é necessário que, em primeiro lugar, haja uma efetiva sensibilização e conscientização dos educadores quantos às práticas racistas, considerando as implicações destas para a nação brasileira como um todo, e não só para a população negra e indígena, por exemplo (OLIVEIRA, 2009, p. 159).

Visando essa problemática, este artigo tem como objetivo fazer uma análise literária da personagem Bintou, da obra de Sylviane Anne Diouf, *As tranças de Bintou*, enfatizando os aspectos culturais, legislativos, metodológicos, e psicológicos. Para isso, fundamenta-se nas autoras: Khéde (1990) e Palo e Oliveira (2006). Este artigo contempla além da introdução, os tópicos de fundamentação teórica, análise dos dados e considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Sonia Salomão Khéde (1990), doutora em Letras e professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que a literatura infanto-juvenil passa a integrar a sociedade industrial de consumo na contemporaneidade. Khéde (1990), e outros teóricos da literatura, apontam o personagem de ficção como pessoa humana, e afirma que ele é um dos elementos principais de uma narrativa fazendo muitas vezes nos identificarmos, reconhecendo nele parte da nossa identidade e de nosso imaginário por ele configurado.

Apoiada em pesquisas, a autora afirma que os personagens da literatura infantil são tipos que existem a serviço do enredo: os atributos que caracterizam os personagens como o aspecto físico, idade, sexo ou cor, funcionam para demonstrar uma série de ordem moralizante e pedagógica, caracterizando um modelo fechado de narrativa. Com o objetivo de que o texto destinado a crianças e jovens alcance nível literário, o personagem é essencial, sendo ele adulto ou uma criança. Isso para que esta literatura busque a comunicação com o leitor mirim através de sua identificação com



os personagens.

A literariedade do texto artístico inclui a possibilidade de mostrar ao leitor uma obra pluralista onde o confronto de visões de mundo, de ideologias e tradições, seja transmitido pelas vozes dos personagens. Khéde (1990) informa que a relativização do poder que o narrador centraliza durante a narrativa é fundamental para que a estrutura não se prenda às imposições didáticas e pedagogizantes de explicação da realidade que a instituição escolar impõe, e sim para trazer ludicidade e imaginação ao leitor iniciante, libertando-o assim, de uma função moralizante, proveniente das circunstâncias históricas de seu surgimento. Essa relativização, juntamente com o enfraquecimento do poder autoritário do narrador, na maioria das vezes representado pelo adulto, e a força o crescimento dada ao crescimento dos múltiplos pontos de vista dos personagens, representados muitas vezes nessa ótica por crianças, implicação na identificação do leitor com o universo ficcional, numa perspectiva de liberdade e não de imposição.

Como sabemos, a arte é a representação da realidade, a crise de representação em relação aos níveis da atividade humana levou a uma crise de identidade que se manifesta a partir do personagem, este que, por configurar a fragmentação e os conflitos do mundo moderno, os personagens não apresentam contornos nítidos. Em muitas narrativas contemporâneas as forças sociais se sobrepõem à força do personagem como agente, podemos observar isso no livro em análise *O cabelo de Lelê*.

Sabemos que os personagens da literatura infantil possuem características inerentes ao gênero, como por exemplo, o personagem-criança é esporádico, quando aparece está ligado à representação da fragilidade e da inocência e aos processos ritualísticos de iniciação.

A autora explica que as primeiras histórias escritas para as crianças não tinha a necessidade de apresentar personagens infantis. O enredo girava em torno dos adultos e dos seus conflitos, assim, se fazia presente mais uma literatura de natureza moralizante do que prazerosa para o leitor. E então, na segunda metade do século XIX, os meninos passam a ser heróis, com isso, se aproximam do público mirim, tornando-os mais identificáveis.

2.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA ESCOLA

No Brasil, a Literatura Infanto-Juvenil e a escola sempre estiveram mutuamente atreladas. Os livros infantis encontram na escola, o espaço ideal para garantir atenção de seus leitores, mesmo



que estes sejam utilizados como leitura obrigatória e usados como pretextos utilitários, informativos e pedagógicos. Lajolo (2008) garante que se ler é essencial, a leitura literária também é fundamental.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p.106)

Emprega-se a expressão Literatura Infantil ao conjunto de publicações que em seu conteúdo tenham formas recreativas ou didáticas, ou ambas, e que sejam destinados ao público infantil. A literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança. “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” (Meireles, 1984, p. 32).

No entanto, é preciso rever a postura do educador em relação à formação do leitor literário que este pretende desenvolver em seus alunos, pois, sem dúvida, o uso de uma metodologia adequada promoverá novas práticas como a abolição da leitura literária como pretexto para a aplicação de questões linguísticas, como também a ideia errônea que muitos têm ao dizer que o importante é que o aluno leia, não importando o que, pois o que o importa é prazer de ler. “Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.” (Cosson, 2007, p. 23). Papel este, que permita que a leitura literária seja exercida com prazer, mas, também, com o compromisso construção do conhecimento, já que na escola, a literatura é um lócus de conhecimento e deve ser desenvolvida de maneira correta com o objetivo de formar o sujeito intelectualmente e eticamente mais humanizado.

Desta forma, entendemos que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor competente, mas sim, na medida em que são desafiados por leituras progressivamente mais complexas e que compartilham suas visões de mundo, é que se tornam leitores literários. Cosson (2007), define o bom leitor como “aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário.” (Cosson, 2007, p.27)

Sendo assim, torna-se imprescindível ressaltar que os educadores precisam ver o aluno como parte essencial deste processo, promovendo a interação texto-leitor, não podendo fazer do processo educativo uma corrente de mão única. Como afirma Cosson “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.” (Cosson, 2007, p. 27).

Assim, percebemos que a escola nem sempre está preparada e atenta para formar bons leitores, pois não proporciona possibilidades de encontro significativos da criança com a obra



quando limita a criança ao contato apenas com textos didáticos. Pois, o leitor quando envolvido numa relação de interação com a obra literária, encontra significado quando lê, procura compreender o texto e relaciona com o mundo à sua volta, construindo e elaborando novos significados do que foi lido. Só assim, a leitura pode contribuir de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual.

Portanto, entendemos que a escola que objetiva a formação do leitor literário, deve ter como princípios o ensino da literatura “sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige.” (Cosson, 2007, pg.23).

2.3 ILUSTRAÇÕES – ELEMENTO FUNDAMENTAL NOS LIVROS INFANTIS

Palo e Oliveira (2006), afirmam que as ilustrações que os livros infantis apresentam no seu interior são de forte importância, visto que, as palavras junto à pedagogia, se utilizam da imagem visual como uma estratégia para materializar, determinar e preencher aquilo que poderia se transformar, pela imaginação do leitor-criança, num campo vago e impreciso de possíveis construções imagéticas, transformando aquilo em ludicidade. Sendo assim, em alguns casos, a ilustração surge em momentos decisivos da estória, ou para mostrar como são as personagens centrais, heróis e vilões, em termos de características físicas e psicológicas, ou para concretizar certas cenas, pontos de tensão da intriga, que se deseja gravar na memória do receptor, o que constitui uma forma de dar veracidade à narração. Em alguns livros, as ilustrações podem se fazer presentes em todas as páginas, trazendo cor e alegria e criando hábitos associativos entre o texto e o visual, tais que sejam inscritos diretamente no pensamento da criança com o mínimo de esforço e com o menor desperdício de energia possível.

Em se tratando do universo da consciência e a personagem, Palo e Oliveira (2006) declaram que a personagem-criança no espaço-tempo de sua consciência não mais se caracteriza pelo que faz exteriormente, mas pelo que imagina, deseja, sonha, lembra atributos de seu mundo interior, tudo no mesmo momento, nas dimensões de um espaço-tempo dinâmico e relativo. São os traços, as qualidades, que passam a funcionalizar as personagens em relação aos acontecimentos, qualificação de cada instante de consciência, justapondo sensações, sentimentos e ideias.

No que concerne ao processo comunicativo, podemos perceber que no caso da literatura infantil o foco narrativo participa de duas naturezas: a verbal e a visual. Ambas tentando uma comunicação, a mais próxima e direta possível, com a criança, recuperando a tradição de oralidade do "Era uma vez" dos contos de fada. Na literatura infantil contemporânea, pode-se observar que, muitas das vezes, a própria personagem criança narra o enredo da estória, o que facilita a identificação do leitor mirim para com a personagem.



Em seguida, será realizada, de forma aprofundada, uma análise da obra em questão.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Antes de tudo, é importante evidenciar que Sylviane Anna Diouf é uma historiadora americana premiada e autora de obras de destaque. Como afrodescendente que é, Diouf tem centrado sua escrita na literatura africana em forma de documentários. Cultura, costumes, comidas, trabalho escravo, esses são alguns dos temas abordados por essa autora em seus livros. Após seus estudos acadêmicos sobre a cultura africana, ela sentiu necessidade de dividir um pouco deste conhecimento com as crianças do mundo. Na atualidade, a pesquisadora transformou-se em autora de livros infantis. *As tranças de Bintou* é seu primeiro livro de ficção e é um dos maiores sucessos do catálogo infanto-juvenil da editora Cosac Naify, com mais de 70 mil exemplares vendidos, adquirido pelo governo brasileiro para equipar bibliotecas públicas e adotado em dezenas de escolas de todo o país. A autora explica a necessidade em escrever literatura africana:

Grande parte da minha pesquisa é dedicada à história e à cultura do povo africano. Quando me dei conta de quão pouco conhecemos esses assuntos, senti que deveria partilhar o que aprendi, não somente com adultos, mas também com os leitores mais jovens que, espera-se, cresçam mais bem informados que as gerações anteriores.

Narrado em primeira pessoa, o livro conta a estória de Bintou, uma menina que vive na África e sonha ter tranças longas, enfeitadas com pedras coloridas e conchinhas, como as de sua irmã mais velha e de outras jovens de seu convívio. Ela está insatisfeita com os biotes que tem no cabelo, por exemplo, quando diz: “Meu nome é Bintou e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo o que tenho são quatro biotes na cabeça” (DIOUF, 2010, p. 2).

O irmão recém-nascido de Bintou será batizado e todos da família irão participar da festa que celebrará o momento, inclusive sua avó, Soukey. Já que é a mais velha do povoado e, portanto, a mais sábia, ela, de forma carinhosa e livre de autoritarismo, explica à menina sobre o porquê de não poder usar tranças.

Há muito tempo, existiu uma menina chamada Coumba que só pensava no quanto era bonita”, vovó diz enquanto afaga minha cabeça. “Todos a invejavam, e ela foi se tornando uma menina vaidosa e egoísta. Foi nessa época, e por isso, que as mães decidiram que as crianças não usariam tranças, só biotes, porque assim elas ficariam mais interessadas em fazer amigos,



brincar e aprender.” Vovó me acaricia e diz: “Querida Bintou, quando for mais velha, você terá bastante tempo para a vaidade e para mostrar a todos a bela mulher que será. Mas, agora, querida, você ainda é apenas uma criança. Poderá usar tranças no momento adequado. (DIOUF, 2010, p.10).

A personagem principal é bastante curiosa, fantasiosa e observadora, características comuns nas crianças. O olhar da garota transmite para o leitor o deslumbramento dela ao observar as mulheres de tranças. São tantos modelos, cores e cortes que Bintou não consegue classificar qual seria a mais bonita. O ato de trançar o cabelo e enfeitá-lo com miçangas e moedas de ouro a encanta ainda mais.

Em meio a tantas mulheres, Bintou nota a presença de uma que aparentemente é estrangeira. Ela possui longas tranças, chegando a bater na cintura. O nome da moça é Teresa, oriunda do Brasil. A garota fascina-se pela brasileira e chega à conclusão de que elas são lindas com suas tranças longas. A partir deste episódio reflete sobre o seu cabelo e sente-se triste. Decide então, passear pela praia e escuta uns gritos vindos do mar. A paisagem sossegada contrasta-se com os gritos dos de dois garotos que afundavam junto com uma canoa. A menina rapidamente sai à procura de ajuda. Apesar de conhecer dois caminhos, prefere arriscar-se no curto e espinhoso ao invés do longo e plano. Consegue chegar à vila e comunica aos pescadores o ocorrido. Eles correm para o mar e salvam os rapazes, graças ao aviso e coragem da menina. Na vila todos a rodeiam e a denominam de heroína. Decidem premiá-la com a realização de um desejo. As tranças é o sonho almejado. Vejamos:

Nessa noite, sonho que uso tranças e que o Sol me segue. Vejo uma menina sentada no alto de uma árvore. Passarinhos amarelos e azuis se aninham em seu cabelo. O cabelo dela é tão bonito que todos se juntam debaixo da árvore e lhe sorriem. O Sol para de seguir e brilha nas penas dos pássaros e no belo cabelo onde eles se aninham (DIOUF, 2010, p.24).

Pela manhã vovó Soukeye a chama em seu quarto. Com a leveza das mãos passa óleo perfumado no cabelo de Bintou e sussurra: “Seu cabelo será tão especial quanto você” (DIOUF, 2010, p.26). Após o término, a sábia avó pede que se olhe no espelho. A imagem refletida mostra uma nova criança de pássaros amarelos e azuis no cabelo. A garota gosta do que vê: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O Sol me segue e estou muito feliz” (DIOUF, 2010, p.27). Observamos então que a menina compreende o porquê do uso dos birotos e percebe a beleza da infância e dos cabelos.



São as ilustrações de Shane W. Evans que situam a história na África Negra e revelam suas riquezas. O colorido do ambiente acompanha a diversidade africana e detalhes explícitos em seus desenhos informam e acrescentam ao conteúdo escrito. Na narrativa, encontramos muitos aspectos locais, como a alimentação, o vocabulário e os nomes próprios, o papel da mulher, o respeito às gerações anteriores, o reconhecimento da coragem como virtude, o dia a dia do povo e seus costumes, como, por exemplo, o ritual de batismo, onde o nome do bebê é revelado e ele tem sua cabeça raspada no oitavo dia de nascido. Tudo isso contado de forma lúdica enaltece as raízes históricas de todo o continente. Com espontaneidade e sem falar diretamente de África, a autora apresenta em sua escrita ausência de preconceito.

Em se tratando da personagem principal, Bintou, pode-se perceber que a mesma retrata uma criança com vontades incompatíveis à sua idade. Isso se deve ao fato, de acordo com Khéde (1990), que “*em muitas narrativas contemporâneas as forças sociais se sobrepõem à força do personagem*”. Ainda segundo a autora, os personagens das histórias infantis contemporâneas aparecem em situações fragmentárias e raramente se tem o histórico de suas vidas. E desses fragmentos é que se retira o tema a partir do qual irá criar a estória.

A primeira pessoa que percebe a tristeza de Bintou referente aos seus biotes, é a sua irmã Fatou. Ela pergunta porque a menina chora, porém, quando Bintou revela seu desejo de ser bonita, Fatou simplesmente diz que meninas não usam tranças, mas não esclarece o porquê. Com isso, Bintou fica inconformada pois, segunda ela, sempre acaba em biotes. Já a avó Soukey, por ser sábia e experiente, trata-a de maneira diferente. Ela explica de forma carinhosa e exemplifica por meio de um fato ocorrido com uma menina chamada Coumba, que só pensava no quanto era bonita, com isso se tornou vaidosa e egoísta. Devido a isso, a avó aconselha Bintou a deixar tudo acontecer no momento certo, e diz que quando ela for mais velha se tornará uma mulher linda e terá tempo para a vaidade.

Enquanto sonha com ninhos de passarinhos amarelos e azuis, Bintou encanta o leitor com um olhar próprio do seu universo. A menina deseja profundamente longas tranças, mas, como manda a tradição, seus quatro biotes não lhe saem da cabeça. Assim se faz presente a questão estética. Apresenta o visual dos cabelos das mulheres sempre ornamentados com pedras, turbantes ou conchinhas em penteados criativos como ponto forte, e também a indumentária colorida e original usada pela comunidade em dias de festa. Entre biotes infantis e tranças enfeitadas, aprende-se que, por lá, vaidade é coisa para as mais velhas. Crianças podem ser livres desse



sentimento e brincar, aprender, fazer amigos.

Bintou é uma menina sonhadora e cheia de imaginação, entretanto, inicialmente ela parece apresentar uma autoestima baixa, devido ao seu desejo prematuro de possuir tranças, pois para muitos, de acordo com a sua cultura, ter tranças era sinônimo de ser bela, porém, sua avó, mostra que não precisa de tranças para ser bonita quando faz um novo penteado em Bintou, com de pássaros coloridos. Pode-se afirmar, de acordo com Khéde (1990), que essa vontade de sentir-se bonita ocorre devido à uma crise de representação, a qual se manifesta a partir do personagem.

Como pode-se observar, os ritos de passagem fazem parte da tradição presente na diversidade cultural africana. Os grupos de idade são fortemente delimitados, no qual, crianças respeitam os mais velhos com total obediência, e a passagem da infância para a adolescência implica na entrada em um outro mundo, celebrada com festas. Com isso, Khéde (1990) afirma que *“o personagem-criança é esporádico, quando aparece, está ligado à representação da fragilidade, da inocência e aos processos ritualísticos de iniciação”*. Nesse caso, Bintou espera ansiosa o momento de deixar a infância e, junto com ela, os biotes de seu cabelo, passando a usar belas tranças. Assim, a personagem aparenta estar em transição para uma nova fase de sua vida, saindo da infância para a adolescência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrarmos no âmbito da educação, especificamente, nos remetendo ao ensino de Literatura, se faz necessário repensarmos as práticas docentes. Nesse prisma, ao abordar o ensino pelo viés da literatura infantil, é imprescindível que o docente use de estratégias metodológicas para que seus alunos conheçam a influência da África no Brasil, e discutam o preconceito racial, que existe ainda de maneira velada no país. O ensino dessa literatura servirá para despertar nos pequenos leitores o combate, desde cedo, a qualquer tipo de discriminação, como também trazer ludicidade nas aulas. “Eu me chamo Teresa e sou brasileira.” (DIOUF, 2010, p. 20) Essa personagem, não por acaso, passa pela vida de Bintou. Ela faz pensar num Brasil trançado com a África. Esse hibridismo traz a beleza revelada pelas tranças tão sonhadas da menina. A obra nos possibilita ampliar a visão que temos de nossa própria cultura, constituída também pela cultura africana que aqui chegou séculos atrás. A mesma abre caminho para falar de diversidade com as crianças, essas, sempre tão curiosas.

Desse modo, a literatura afro-brasileira no âmbito escolar abre caminho para um novo olhar



na educação, levando em conta a diversidade histórica e cultural que constitui a sociedade brasileira. Esse novo olhar diz respeito às novas práticas pedagógicas, com prioridade enfaticamente para as relações étnico-racial, no sentido de acabar com as antigas práticas eurocêntricas carregadas de preconceitos e discriminação em relação aos negros e afrodescendentes em que tinha como base a hegemonia racial devido à influência europeia.

Para que haja uma mudança de atitude referente a esse problema os educadores precisam enxergar o ambiente escolar como um espaço de representação e aprendizagem multicultural que visa, principalmente, desenvolver e construir relações sociais positivas para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária em termos de direitos e cidadania. Nesse sentido, para a lei seguir seu efetivo objetivo é necessário discutir e esclarecer a todos os professores, e principalmente, aos gestores dessas instituições de ensino a importância e o cumprimento da Lei 10639, nos estudos em sala de aula, e conseqüentemente, para a sociedade a fim de desenvolver e construir nova visão crítica em relação à diversidade étnico-racial, cultural, social, política, econômica e religiosa mais positiva.

5. REFERÊNCIAS

Biografia de Sylviane Diouf. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Sylviane_Diouf> Acesso em 21 de fevereiro de 2015.

Khéde, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. Rio de Janeiro, Editora Ática, 1990.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, Maria Rosa d. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo : Ática, 2006.

Palavras da autora retirado do blog Viagem Literária. Disponível em: <<http://marieteles.blogspot.com.br/2011/11/leituras-para-o-dia-da-consciencia.html>> Acesso em 21 de fevereiro de 2015.

Lei. Presidência da República, Governo do Planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em 26 de janeiro de 2015.